

NARRATIVA E MEMÓRIA: O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM DUQUE DE CAXIAS⁷²

Lucas Fernandes Januário (UNIGRANRIO)

fermandes.lucas.97@gmail.com

Jurema Rosa Lopes Soares (UNIGRANRIO)

jlopes@unigranrio.edu.br

RESUMO

“Eu estou aqui hoje para fazer a memória da experiência que para a minha trajetória, no campo da Educação de Jovens e Adultos é uma experiência fundadora que começa e de onde desencadeou uma série de ações no campo da EJA” (Professor R.). Trazemos para a nossa reflexão, fragmentos da narrativa de um membro da equipe, hoje pesquisador, que participou da experiência de alfabetização de jovens e adultos, como monitor, na década de 90. Objetivamos assim, reconstruir as memórias e histórias da educação de jovens e adultos em Duque de Caxias, além disso, levantar questionamentos acerca do silenciamento sobre tal experiência no Município. A experiência a qual nos referimos, no campo da educação popular, trata de ações das Irmãs Italianas, que, ao perceberem, nas comunidades, a necessidade das pessoas em aprender a ler e a escrever, confiaram a quatro jovens monitores o trabalho coletivo quando desenvolveram o processo de alfabetização nas igrejas: Paróquia de Nossa Senhora de Fátima, São Pedro, São Francisco de Assis, Nossa Senhora da Aparecida e Nossa Senhora de Guadalupe, situadas em três comunidades, são elas: Vila Operária, hoje, Parque Felicidade, Beira-Mar e Vila Beira-Mar. Podemos inferir, que as experiências vividas e silenciadas bem como as memórias reconstruídas trazem a marca de ações humanas. O ressurgimento e o reconhecimento de tais experiências, igualmente, a guardam a intervenção das ações humanas.

Palavras-chave:

Alfabetização. Memória coletiva. Educação de Jovens e Adultos.

1. Introdução

Este artigo, objetiva reconstruir a memória e história da educação de jovens e adultos em Duque de Caxias, além disso, levantar questionamentos acerca do silenciamento sobre tal experiência no Município. A experiência, a qual nos referimos, é de educação popular, iniciativa das Irmãs Italianas realizada na Baixada Fluminense, em Duque de Caxias em diferentes comunidades e Igrejas. A ação junto às comunidades e as paróquias foram desenvolvidas com a participação de quatro jovens monitores, que ficaram responsáveis pela experiência com uma finalidade

⁷² Os autores agradecem à FUNADESP pelo incentivo fornecido.

social extremamente relevante, em um contexto social não favorável, a qual as Irmãs Italianas se depararam na realidade vivenciada.

“Eu estou aqui hoje para fazer a memória da experiência que para a minha trajetória, no campo da Educação de Jovens e Adultos é uma experiência fundadora que começa e de onde desencadeou uma série de ações no campo da EJA.” (Professor. R)

Inicialmente indagamos: o que é “fazer memória”? Ainda, o que é uma narrativa? Como se narra às memórias? Existem relações entre narrativa e memória? Segundo Olmos (2003), narrar é o ato de contar histórias que podem ser reais ou não, recordar acontecimentos já vivenciados, relacionando personagens, ações e respeitando noções de tempo e espaço. Em outras palavras: “A narrativa é uma solidificação ou cristalização da experiência, que é “indizível” (QUEIROZ, 1998 *apud* OLMOS, 2003, p. 44)”. A memória, não significa apenas uma mera lembrança, como também uma simples busca em compreender o entendimento acerca do passado. Halbwachs (1990), já havia ressaltado que a memória deve ser interpretada, sobretudo, como um fenômeno social e coletivo, isto é, como algo que pode ser construído coletivamente, sujeito a oscilações, transformações, mutabilidades constantes. Podemos dizer que memória é aquilo que está na mente, aquilo que está ausente e que é vivido no instante da ação.

Com base nos fragmentos da narrativa de um membro da equipe participante da experiência de alfabetização em pauta, organizamos a presente reflexão da seguinte forma: a) o contexto em que a experiência foi realizada; b) o processo de alfabetização de jovens e adultos no âmbito da referida experiência, finalizando pontuamos que as experiências vividas e/ou silenciadas bem como as memórias reconstruídas, torna presente o fenômeno social de ação do ser humano.

2. A experiência das Irmãs Italianas em Duque de Caxias

A experiência, à qual nos referimos, é de educação popular, iniciativa das Irmãs Italianas, realizada na Baixada Fluminense, em Duque de Caxias nas comunidades da Vila Operária, Beira Mar e Vila Beira-Mar em quatro Igrejas, respectivamente nas paróquias Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora de Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, São Pedro e São Francisco de Assis. .

O Professor. R, inicia:

“Eu, antes de começar o diálogo, [...] gosto de dizer que essa experiência foi de educação, mais preocupada com alfabetização, com formação dessas pessoas para leitura escrita e que inaugura nessas quatro pessoas, um trabalho na educação de jovens e adultos.”

“Antes de começar o diálogo” nos remete a necessidade do narrador marcar um tempo e uma vivência reconhecida, por ele hoje, como uma experiência “preocupada com alfabetização, com formação dessas pessoas”. Podemos pensar que a preocupação em demarcar a experiência como de “educação” está relacionada ao fato de hoje, reconhecer-se como pesquisador da Educação de Jovens e Adultos.

Os quatro jovens monitores são apresentados do seguinte modo:

“Eu tinha terminado o ensino médio, fiz o técnico em edificações. Era para ser engenheiro, e foi ótimo porque descobri que não era esse o caminho. Sandra já era professora formada. Luciene, eu não sei qual era a formação dela de ensino médio, não era magistério e Regina já era professora do estado já trabalhava com alfabetização.” (Professor. R.)

A preocupação, do narrador, em demarcar a experiência como de educação fica evidenciada diante da apresentação dos monitores, entre os quais destaca que ele “era para ser engenheiro”, mas, reconhece que aquele “não era o caminho”. Reconhecer hoje, não ser o caminho, nos parecer ser um ponto de vista do narrador diante do lugar e das relações que ocupa, atualmente, em outros espaços.

É importante destacar que a época da experiência foi no auge da Teoria da Libertação liderada pelo Bispo Dom Mauro Morelli com ideias progressistas envolvidos com movimentos sociais, com as pastorais sociais e que muitos jovens estavam envolvidos.

“Então, o que para nós era um envolvimento na igreja, eu hoje vejo que esse momento foi muito formador na nossa vida, porque a gente desenvolvia um trabalho educativo, participávamos de grupos, liderava os grupos, estávamos envolvidos com as pastorais, com a formação das pessoas. [...] Era importante para as pessoas e para nossa formação também.” (Professor R.)

“O que para nós era um envolvimento na igreja” nos remete a imagem de um espaço coletivo de formação, por isso talvez o narrador destaque que “hoje vejo que esse momento foi muito formador na nossa vida”. Podemos inferir que o referido espaço, foi de formação do grupo envolvido na experiência, uma vez que, criou a proximidade dos sujeitos no mesmo espaço. No dizer de Halbwachs (1990), é sobre o nosso espaço que o pensamento deve fixar para que reapareçam as lembranças.

3. *O processo de alfabetização de jovens e adultos*

A alfabetização de jovens e adultos nos leva a pensar e a repensar como concebê-la enquanto processo. Segundo Soares (2011), a alfabetização vem sendo debatida em dois sentidos: no primeiro é pensada como processo de aquisição da língua (oral e escrita). No segundo sentido, a alfabetização é concebida como processo de desenvolvimento da língua. Este último sentido, conforme a autora, nunca é interrompida. É um processo permanente que se estende por toda a vida.

Prossegue afirmando Soares (2011) que os verbos ler e escrever, em nossa língua, tem impulsionado o debate sobre alfabetização reduzindo seu significado a *aquisição* de habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler). Sinaliza Soares (2011) outro significado de alfabetização voltado para o aspecto social. Assim é possível compreender que a alfabetização está voltada para a compreensão do contexto no qual os sujeitos estão inseridos.

Da ampliação do conceito de alfabetização e em razão de necessidades sociais e políticas ao longo do século XX surge o conceito de letramento. É letrado aquele que sabe usar a linguagem escrita para exercer uma prática social em que essa modalidade de língua é necessária (SOARES, 2011).

Considerando a experiência em pauta desenvolvida nos anos 90 podemos relacionar o processo de alfabetização ao auge do construtivismo, conforme destaca o Professor R. “foi uma época do auge do construtivismo e a gente brinca, até hoje, que o Estado dormiu tradicional e acordou construtivista”.

Entendemos o construtivismo como uma corrente teórica que defende um sujeito ativo no processo de criação e modificação das representações dos objetos de conhecimento. Os professores inseridos na experiência teriam que adaptar a esse momento de transição do estado e da sociedade como todo. Segundo, o Professor R, ele não tinha experiência em alfabetização, mas contava com a Regina, professora da rede estadual:

“Então, as próprias professoras estaduais e a Regina era uma dela, estavam no processo de transição de um aprendizado dessa ideia de construtivismo, não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, tem que fazer desse jeito, alfabetiza com o texto, não é o texto, não é a palavra, não é mais a sílaba. Então, era um período de muita incerteza, mesmo por parte de quem estava na rede, quem já tinha experiência. E eu estava aprendendo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

com essa pessoa que estava nesse momento de transição. [...] e aos poucos eu ia pegando o meu jeito.” (Professor R)

Com o construtivismo, essa experiência possibilitou, de fato a esse monitor, diversas aprendizagens na caminhada no campo da EJA, pois segundo o mesmo, existiam bastantes métodos que ele intuitivamente, julga hoje, como fatos interessantes.

Sobre a turma, o Professor R, destaca:

Eu tive uma turma em que a maior parte era de mulheres, era uma turma com vinte e uns três homens. Todos migrantes, maior parte do nordeste, também tinha pessoas de Minas e Espírito Santo.” (Professor R.)

Apreendendo o contexto dos alunos, o Professor R. busca em sua memória e narra à experiência com a letra da música *Asa Branca*, de autoria do Luiz Gonzaga:

“Eu lembro que levei a música inteira em uma folha de papel, um para cada um. Eles não sabiam ler, mas eu entreguei o papel com a letra mesmo assim, levei o rádio de minha casa, com minha fita cassete, coloquei a música três vezes, a qual era uma música que todos conheciam. Lembro-me de observar que eles iam acompanhando, não sabiam ler, mas eles estavam acompanhando com o ouvido, cantando e olhavam para o papel, exatamente onde estava cada letra.” (Professor R.)

Esse método busca romper a ideia abstrata que temos acerca das letras, exclusivamente quando estamos no início da etapa de alfabetização. Portanto, a comparação dos símbolos linguísticos, com as palavras cantadas na música, por ser uma canção muito conhecida na época pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos, contribuiu para construção de significância e compreensão do objeto de estudo, de uma forma mais palpável. Além disso, essa experiência não proporcionou apenas uma compreensão, tendo como finalidade a alfabetização. Ela propiciou também, em algumas pessoas, um sentimento de identificação, no caso pela origem dos alunos nordestinos, através de lembranças construídas em outro grupo social e em outro momento:

“Ai a gente ouviu sem o papel e depois começou a conversar sobre o que dizia e qual era o sentido da letra da música. E era muito interessante, porque eu me lembro de uma aluna, chamada Maria da Cruz, se não me engano, ela começa a chorar no momento que estávamos discutindo isso. Primeiro uma pergunta: “o que significa?”; “quando o ver dos seus olhos se espalhar na plantação?”. Ela não entendia e os outros alunos começam a explicar o sentido poético do texto. E ela disse assim: – “professor, eu fui uma *rosinha*”. O meu marido, deixou-me no Rio Grande do Norte e veio para o Rio de Janeiro, ficou alguns anos aqui e eu fiquei lá com os filhos, *sozinha*. Depois ele foi me buscar, após uns anos, quando ele já tinha arrumado a vida aqui.” (Professor.R)

“Ao ouvir e conversar sobre o sentido da letra [...] a aluna começou a chorar” a estratégia do professor, provavelmente, possibilitou a aluna a refletir sobre sua própria vida e visualizar uma complexidade de figuras que talvez, durante algum tempo, representou abandono e amargura. Sentimentos positivos recuperados quando já “tinha arrumado a vida aqui”. Pollack (1992) sublinha que a memória é constituída por sentimentos de identidade, tanto individual, como também, socialmente. Esses sentimentos são extremamente importantes para a continuidade e coerência da reconstrução de si, tanto de uma pessoa, como de um grupo.

4. Considerações finais

A memória tem sua origem na configuração dos diversos grupos com os quais nos ligamos. As experiências vividas e/ou silenciadas bem como as memórias reconstruídas, torna presente o fenômeno social de ação do ser humano. O ressurgimento e o reconhecimento de tais experiências, igualmente, aguardam a intervenção das ações humanas. Podemos afirmar que a experiência das Irmãs Italianas em Duque de Caxias contribuiu com a formação dos participantes e possibilitou a criação de uma comunidade afetiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Fernando. O que é construtivismo?. In: *Revista de Educação*. AEC, Brasília-DF, v. 21, n. 83, p. 7-15, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- OLMOS, J. R. D. A relação entre narração e memória como possibilidade metodológica na constituição da história da psicologia no Brasil. In: *Memorandum*, Belo Horizonte. UFMG; Ribeirão Preto. USP, v. 4; A-br./2003.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, p. 200-12, 1992.
- SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2011.